

APORTES DA ANÁLISE DO DISCURSO PARA O TRATAMENTO TEMÁTICO DE LITERATURA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO LIVRO “AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE”, DE SARAMAGO

Juliana Oliveira Mauch Maior

Graduação em Biblioteconomia, Graduação em Letras.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
julianamauch@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-6470-819X>

Thiago Henrique Bragato Barros Maior

Doutorado em Ciência da Informação. Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,
Rio Grande do Sul, Brasil.
bragato.barros@ufrgs.br
<https://orcid.org/0000-0001-7439-5779>

RESUMO

Dentre os variados tipos de discursos, há uma maneira particular de tratar o discurso proveniente da literatura – o chamado "discurso literário". Tratar a obra literária como discurso significa unir a instituição literária à enunciação, construindo progressivamente uma identidade enunciativa e um movimento de legitimação do espaço de sua enunciação. Para aprimorar a compreensão da constituição do discurso literário, examinamos a obra “As intermitências da morte”, de José Saramago. Logo após, vemos como se deu a análise desta obra em três universidades localizadas em diferentes capitais da região Sul do Brasil (UFRGS, UFSC e UFPR). Comparou-se como a classificação de recursos de informação literária são realizadas em demandas concretas de usuários, com diferentes níveis de instrução, interesses e necessidades de informação. Terminamos este artigo trazendo uma tabela de indexação feita pelos autores.

Palavras-chave: Análise do Discurso Literário. Enunciação. Ethos. Paratopia. Tratamento Temático.

CONTRIBUTIONS OF DISCOURSE ANALYSIS TO THE THEMATIC TREATMENT OF LITERATURE: AN ANALYSIS BASED ON THE BOOK “DEATH WITH INTERRUPTIONS”, BY SARAMAGO

ABSTRACT

Among various types of discourses, there is a particular way of treating discourse from literature – the so-called “literary discourse”. Treating the literary work as a discourse means uniting the literary institution to the enunciation, progressively building an enunciative identity and a movement to legitimize the space of its enunciation. To improve the understanding of the constitution of literary discourse, we examined the work “Death With Interruptions”, by José Saramago. Soon after, we see how this work was listed in three universities located in different capitals in the southern region of Brazil (UFRGS, UFSC and UFPR). We analyze how the literary information classification resources are carried out in concrete demands of the users, with different levels of education, interests and information needs. We end this article by bringing an indexing table made by us.

Keywords: Literary Discourse Analysis. Enunciation. Ethos. Paratopia. Thematic Treatment.

1 INTRODUÇÃO

A análise do discurso (AD) surgiu no período entre a metade da década de 1960 e 1970, quando se iniciou um movimento responsável por um novo momento do estruturalismo dentro do campo das ciências humanas. Segundo Ferreira (2003), “A Análise de Discurso tem como marco inaugural o ano de 1969, com a publicação de Michel Pêcheux intitulada Análise Automática do Discurso (AAD), bem como o lançamento da importante revista Langages, organizada por Jean Dubois”.

Assim, a AD é uma abordagem que se popularizou mundialmente, especialmente na América Latina, com destaque para o México, Argentina e Brasil. No Brasil, a AD tem ganhado espaço em diversas disciplinas das ciências humanas, como história, filosofia, sociologia, psicanálise, comunicação e literatura. Embora a AD tenha sido aplicada em diversos tipos de discursos, tais como filosófico, religioso e científico, o discurso político é um dos mais estudados até hoje. Apesar da manifestação política ter uma importância tão grande, é notável que a análise do discurso literário, uma das escritas mais antigas do mundo, também tenha chamado a atenção dos estudiosos dessa abordagem. A linguística e a literatura são duas disciplinas que se complementam, como duas faces da mesma moeda. Neste trabalho, exploraremos a relação altamente polêmica entre essas duas disciplinas, utilizando a análise do discurso literário (ADL) de Dominique Maingueneau, um linguista contemporâneo que estuda a ADL há mais de três décadas.

Neste trabalho, utilizamos como corpus o livro “As intermitências da morte”, de José Saramago. Na obra literária, a morte é o tema central dos três núcleos que compõem o romance do autor português. A história se passa em um espaço sem nome e em um tempo não datado, embora haja indícios de que se trata do nosso tempo. A ausência da morte desencadeia uma catástrofe, levando o leitor a refletir sobre a real necessidade da morte para a renovação da vida. Saramago apresenta um mundo ambíguo formado por pessoas que, eufóricas porque a morte desapareceu de seus horizontes, sentem-se paradoxalmente aliviadas quando ela volta a ser uma presença independente de suas vontades e ações.

Para a Biblioteconomia, a AD desempenha um papel significativo, especialmente no tratamento temático durante o processo de indexação. Neste contexto, realizamos uma análise comparativa das práticas de indexação da obra “As intermitências da morte” nas bibliotecas da UFRGS, UFSC e UFPR. Ao final, compilamos os resultados em uma tabela de indexação, destacando os efeitos observados quando a AD é aplicada nesse contexto.

No presente estudo, a AD é empregada como um procedimento metodológico, particularmente em uma abordagem qualitativa e exploratória. A pesquisa exploratória visa fornecer informações adicionais sobre o tema investigado, auxiliando na definição e delineamento do estudo (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 51-52). Dessa forma, nosso objetivo é elucidar as ideologias subjacentes aos discursos presentes na obra literária “As intermitências da morte”, que constituem os sujeitos de informação desta pesquisa. Além disso, examinaremos como as três bibliotecas selecionadas abordam a indexação dessa obra, fornecendo insights valiosos sobre as práticas de catalogação.

2 DISCURSO LITERÁRIO

A ADL é uma ramificação da AD de linha francesa, tendo Dominique Maingueneau como seu principal expoente. Maingueneau, linguista francês, dedicou-se a desenvolver técnicas, conceitos e metodologias que possam dar conta dos sentidos presentes em uma obra literária. No entanto, como toda disciplina em formação, a ADL ainda enfrenta resistências quanto à validade de suas proposições teórico-científicas.

Interessa-nos abordar o fenômeno literário como discurso, a partir de uma posição oposta à ideia da ausência de interação entre o interior e o exterior da obra literária, que anula a instância criadora e enunciativa. Em outras palavras, consideramos essencialmente os sujeitos e os contextos de enunciação desse discurso. Embora a ADL não adote uma postura de confronto direto contra os dogmas estabelecidos no campo literário, ela procura compreender como esse campo funciona, a fim de alcançar distinções teóricas e, assim, posicionar-se de acordo com os objetivos traçados (MAINGUENEAU, 2006).

O discurso literário surge porque o autor procura caminhos para torná-lo possível, encontra formas de trazê-lo à existência, ainda que de maneira problemática. Assim, a ADL ganha autonomia para expandir as dimensões da obra literária, uma vez que contempla o exterior do texto como parte constitutiva do seu significado. De acordo com Maingueneau (2006, p. 54), o contexto é algo constitutivo do texto literário e não pode ser considerado apenas um reflexo da obra, pois é formulado em instância enunciativa. A análise do discurso literário se dispôs a investigar esses enunciados por serem objetos que clamam por esclarecimentos e aprofundamentos, embora alguns especialistas literários os rotulem como desinteressantes.

2.1 Enunciação

Enunciado e discurso são dois termos normalmente confundidos, contudo, o enunciado é um dado, enquanto o discurso é uma investigação que permite estabelecer um corpus. Para a AD, o discurso é um enunciado ou um conjunto de enunciados. Podemos dizer que a ADL se ocupa de uma atividade discursiva na qual se investiga como e em que condições os aspectos enunciativos estão organizados. Levando em consideração o que diz Maingueneau (2005, p. 43):

As condições do dizer atravessam o dito, que investe suas próprias condições de enunciação (o estatuto do escritor associado a seu modo de posicionamento no campo literário, os papéis ligados aos gêneros, a relação com o destinatário construída através da obra, os suportes materiais, os modos de circulação dos enunciados...).

Dessa forma, a enunciação é um dispositivo que engloba todos os participantes e fatores amplos que funcionam como condição para que a enunciação se torne viável, pois não há como desassociar a prática social da prática de criação literária. A validação da obra não é vista como resultado e recompensa, mas é construída ao longo do processo de produção discursiva, sendo que o sentido não se fecha na obra, ele fica na brecha entre posicionamentos discursivos do autor e a chegada destes ao leitor (MAINGUENEAU, 2006).

Para Oswald Ducrot, em *Polifonia da Enunciação*, o seu objetivo fundamental era contestar a ideia de unicidade de sujeito falante e propor uma versão polifônica da enunciação (MELLO, 2005, p. 37). Contrastando-se a Bakhtin, pode-se dizer que não se trata de relações entre enunciados, mas de relações internas ao enunciado. A polifonia é o fenômeno de várias vozes no discurso, o que o torna um fenômeno interessante, pois, sendo as vozes explícitas ou implícitas, é permitido que o emissor mostre perspectivas diversas para se identificar com elas ou refutá-las.

Assim como todas as enunciações, a enunciação literária não pode ser dissociada do contexto em que surge e do seu público-alvo (MAINGUENEAU, 2006). Por essa razão, o linguista francês entende que, do ponto de vista linguístico, a literatura não se configura como um regime enunciativo especial, superior a todos os outros. Trata-se, na verdade, de uma perspectiva linguística que se manifesta em enunciações mais elaboradas, presentes em gêneros literários complexos, com graus de sofisticação na escrita que, geralmente, não são encontrados na enunciação escrita das situações cotidianas, em virtude de fatores como tempo, lugar, preocupações e níveis de conhecimento dos interlocutores quanto à elaboração da escrita.

2.2 Sujeito: ethos e paratopia

O discurso literário se posicionará em uma perspectiva em que é imprescindível considerar o fato de que a enunciação é construída por um sujeito, no sentido real de pertencimento a uma sociedade e de atividade interativa social. Pois a enunciação no discurso é constituída pela combinação entre texto e contexto, interior e exterior (MAINGUENEAU, 2006, p. 43).

Segundo Renato de Mello (2005, p. 37-38), essa relação com a polifonia, já descrita, quer dizer que os enunciados fornecem indicações de que são os sujeitos das enunciações literárias:

o sentido do enunciado fornece indicações de quem são os sujeitos das enunciações: o locutor, sujeito falante e enunciadador, que teriam como correspondentes literários: narrador e personagem (quem fala), autor (quem inventa, imagina) e centros de perspectiva (quem vê) respectivamente.

Isso quer dizer que os personagens, em uma obra, não são apenas necessários para a existência da narrativa. Eles também produzem imagens de si mesmos – ethos – e refletem representações sociais e ideológicas. A noção de ethos discursivo tem sido objeto de reflexão de diferentes pesquisas que estudam a imagem do enunciador produzida no discurso. Essa imagem, conforme Maingueneau (2006, p. 266), é construída no discurso em suas múltiplas relações com o outro (sujeitos e discursos) e emerge na articulação entre variados elementos (verbais e não verbais, éticos e estéticos etc.), os quais necessitam da incorporação do interlocutor para conseguir compreendê-la em um conjunto complexo de representações sociais e culturais. O ethos recobre não apenas a dimensão verbal, mas também um conjunto de características psíquicas e físicas que se associam a um fiador. O fiador, desse modo, recebe um caráter e uma corporalidade que variam conforme a constituição dos textos, a cena de fala criada.

Com base nisto, não se pode afirmar que o autor seja o único responsável pela criação de sentidos em uma obra literária, pois isso reduziria a produção literária a um processo puramente subjetivo, o que foi rejeitado pela literatura. Em vez disso, os estudos da ADL propõem uma distinção entre três instâncias de subjetividade dentro do discurso, de acordo com Maingueneau (2006, p. 136): a pessoa, que é o indivíduo que possui um estado civil; o escritor, que é o ator que estabelece uma trajetória dentro da instituição literária; e o inscritor, que é o sujeito da enunciação e o enunciador que confere sentido aos termos consolidados através das cenas literárias. Dessa forma, a produção literária envolve a interação entre essas instâncias de subjetividade, e não se resume à visão unicamente subjetiva do autor.

Assim, o autor passa a ter um espaço discursivo graças à paratopia, permitindo-lhe a enunciação. O termo “paratopia” é composto por “para”, que significa “ao lado de”, e “topia”, que significa “lugar”, sugerindo que a produção literária está ao lado da sociedade e não pertence a um território específico dentro dela. Essa localização marginalizada em relação à sociedade é o que permite a construção de personagens representativas de grupos marginalizados na obra literária. A inconstância dos lugares pelos quais o autor deve transitar, como um nômade, impede qualquer fixação territorial.

Para que a paratopia seja efetiva, ela deve estar profundamente enraizada no discurso, fazendo parte da enunciação e se constituindo por meio dela durante o processo de criação do texto literário. Isso ocorre porque a instabilidade de lugar só é minimizada quando o autor encontra a oportunidade de enunciar: “A paratopia não é uma condição inicial: só existe paratopia elaborada mediante uma atividade de criação e de enunciação” (MAINGUENEAU, 2006, p. 109).

Assim, a paratopia encontra sua razão de ser no contexto da criação artística e literária, pois sua sustentação se baseia na posição indefinida do sujeito que, como escritor, está inserido em um campo literário específico e, portanto, em uma sociedade determinada. No entanto, como autor, ele transita em um plano literário utópico. Nesse ponto de vista, a paratopia é vista como o preço que o autor deve pagar para criar. O criador não tem como evitar esse fenômeno, a menos que decida não produzir ou não exercer a função de autor. Caso contrário, a paratopia é considerada um elemento essencial ao processo de escrita. O escritor como criador assume-se em várias paratopias sociais que por si só não são paratopias literárias discursivas, mas que podem ser projetadas no e pelo discurso.

3 CORPUS: AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE

O estabelecimento de um corpus é a construção de um dispositivo de observação capaz de revelar o discurso que se quer interpretar. É nesse corpus de análise que se pode desvendar as relações com as formações discursivas que nutrem um determinado campo.

Em primeiro lugar, realizamos leituras sobre a vida do autor, buscamos compreender sua biografia e obter informações sobre os fatos por que passou. Essas informações são fundamentais para aplicarmos teorias que mostram a interação entre a vida do autor e sua obra literária. A biografia amplia nossa compreensão sobre a obra, permitindo-nos entender melhor a formação identitária do escritor e a situação em que a obra foi produzida.

Em segundo lugar, realizamos a coleta de dados por meio de uma leitura atenta da obra, buscando as passagens que apresentassem a conexão entre a teoria e o objeto de pesquisa, ou seja, aquelas que fossem relevantes para o desenvolvimento do estudo. A partir daí, selecionamos os trechos que permitiriam uma análise mais aprofundada.

3.1 Autor

Autor de mais de 40 títulos, José Saramago nasceu em 16 de novembro de 1922, na aldeia de Azinhaga, em Portugal. Seus pais chamavam-se José de Sousa e Maria da Piedade, e o seu nome era para ser José de Sousa se o funcionário do Registo Civil, por sua própria iniciativa, não lhe tivesse acrescentado a alcunha pela qual a família de seu pai era conhecida na aldeia: Saramago.

Estima-se que o escritor tinha por volta de 14 anos quando passaram a viver em uma casa só para a sua família (até então sempre tinham habitado em partes de casa, com outras famílias).

Segundo o autor português, durante todo este tempo, e até à maioria, foram frequentemente prolongados os períodos em que viveu na aldeia com os seus avós maternos. De acordo com ele, foi também por essa época que tinha começado a frequentar, nos períodos noturnos de funcionamento, uma biblioteca pública de Lisboa. Conforme Saramago (2007): “E foi aí, sem ajudas nem conselhos, apenas guiado pela curiosidade e pela vontade de aprender, que o meu gosto pela leitura se desenvolveu e apurou.”.

Seu primeiro livro publicado foi o romance “Terra do pecado”, de 1947. Em 1955, começou a trabalhar como tradutor. Em 1969, filiou-se ao Partido Comunista Português. Além de tradutor, Saramago foi crítico literário na revista Seara Nova e, nos anos de 1972 e 1973, trabalhou no jornal Diário de Lisboa. Neste tempo, Saramago lançou “O ano da morte de Ricardo Reis”, publicado em 1984, “A jangada de pedra”, em 1986, e “História do cerco de Lisboa”, de 1989, somente para dar alguns exemplos de obras publicadas.

Em 1992, o governo português impediu a candidatura de “O evangelho segundo Jesus Cristo” ao Prêmio Literário Europeu. Esse romance, publicado pela primeira vez em 1991, causou bastante polêmica, pois mostra Jesus como um personagem mais humano e menos divino, com defeitos inclusive, além de manter um relacionamento amoroso com Maria de Magdala. Já em 1993, em consequência da censura exercida pelo governo português sobre o romance, sob pretexto de que o livro era ofensivo para os católicos, transferiram, ele e a sua esposa Pilar del Río, a sua residência para a ilha de Lanzarote, no arquipélago das Canárias.

Saramago ainda publicou o romance “Ensaio sobre a cegueira” em 1995, e foi dado a ele o Prêmio Camões, e em 1998 esse mesmo romance ganhou o Prêmio Nobel de Literatura. Em consequência da atribuição do Prêmio Nobel, Saramago viajou pelos cinco continentes, oferecendo conferências, recebendo graus acadêmicos, participando em reuniões e congressos, tanto de carácter literário como social e político. O autor participou de ações reivindicativas dos seres humanos e do cumprimento da Declaração dos Direitos Humanos pela consecução de uma sociedade mais justa, onde a pessoa seja prioridade absoluta, e não o comércio ou as lutas por um poder hegemônico, sempre destrutivas.

Destacou-se como romancista, mas também como teatrólogo, poeta e contista. A multifacetada arte romanesca criada obstinadamente por Saramago lhe confere um alto estatuto entre os escritores. Apesar de sua independência, Saramago evoca uma tradição radical que pode ser classificada como tal no contexto atual. Sua obra literária é composta por uma série de projetos que se desaprovam mais ou menos, mas todos representam novas tentativas de se aproximar da realidade fugidia.

O autor comprova que tendo saído da classe trabalhadora, com o início da vida muito pobre, sua identificação com elementos marginalizados socialmente e como Saramago compõem os discursos em sua obra ligados a um posicionamento estilístico e ideológico. Outro fator seria a territorialidade, tendo morado nas ilhas Canárias mais para o final da sua vida. Isso seria um exemplo de como ocorre a paratopia desse autor, mas também vamos a outros exemplos a seguir, onde veremos mais a respeito.

3.2 Obra

O centro desse romance é a própria morte, na "pequena morte cotidiana" (p. 112), dos habitantes de um país não identificado. "(...) desde o princípio dos tempos e até ao dia trinta e um de dezembro do ano passado" (p. 99), de um determinado ano, não há mais mortes nesse país. Nesse sentido, é interessante observar como Saramago aborda a temática da morte em "As intermitências da morte", considerando sua idade avançada na época da publicação.

Ao publicar esta obra, Saramago contava com a idade de 82 ou 83 anos. O autor oferece-nos uma reflexão perspicaz, baseada em um imaginário coletivo sobre a finitude humana, e no seu ceticismo com a morte. A diferença substancial que encontramos nesta obra reside no tom notavelmente cômico adotado e na cor mais suave utilizada pelo narrador para criar a trama, abordar os temas presentes e construir o *ethos* das personagens.

O livro pode ser dividido em três partes: a interrupção momentânea da morte, o retorno às suas atividades e, por fim, a sua humanização. Como sugere o título, seguimos as suas interrupções, suas pausas, suas intermitências. Assim, a obra inicia-se com longos parágrafos e diálogos incrustados, no caso de um leitor que não esteja acostumado a narrativa do autor pode incomodar, mas é preciso conhecer a língua para que alguém escreva dessa maneira.

O discurso de Saramago destaca-se por sua complexidade e sofisticação, ao mesmo tempo mostrando o tom hilário e apresentando uma visão crítica da sociedade e de suas instituições. O autor utiliza uma linguagem refinada, explorando as possibilidades da narrativa alegórica – que quer dizer uma figura literária que permite representar uma ideia abstrata através de outras formas, podendo estas ser humanas, animais ou objetos, como a imagem de uma caveira e sua gadanha (ou alfanje no Brasil) – para transmitir sua mensagem. Seus parágrafos longos, pontuação pouco convencional e falta de diálogo direto podem desconcertar o leitor desprevenido, mas também possibilitam que o autor crie uma voz enunciativa única e uma atmosfera que complementa a singularidade da trama.

Com base nisso, vamos analisar no trecho a seguir:

O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicidio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra nada. (p. 11)

O enunciado inicial do narrador em “As intermitências da morte” traz consigo uma análise peculiar sobre um fato que desafia as normas da vida, o qual causa uma perturbação nos espíritos por não ter ocorrido. A partir desse ponto, o narrador introduz sua paratopia, que consiste em tratar de assuntos que não são tratáveis na vida real. Nesse sentido, “a greve da morte” (p. 14) , que impede a passagem para o outro lado da vida, é abordada em enunciações mais elaboradas presentes em gêneros literários complexos, nos quais a escrita atinge níveis de requinte que não são usualmente encontrados na escrita cotidiana das situações mais simples.

Na narrativa dessa obra, fica claro que a igreja se estruturou em torno da finitude humana, buscando neutralizar o medo através da construção de um imaginário pós-morte. No entanto, diante da interrupção da morte, a igreja se vê perdida. Essa situação é exemplificada pela fala do cardeal: “Sem morte, ouça-me bem, senhor primeiro-ministro, sem morte não há ressurreição, e sem ressurreição não há igreja.” (p. 18) e pelo comentário do chefe do governo: “Aceitaremos o repto da imortalidade do corpo, exclamou em tom arrebatado, se essa for a vontade de deus, a quem para todo o sempre agradeceremos, com as nossas orações, haver escolhido o bom povo deste país para seu instrumento.” (p. 17-18).

O chefe do governo faz referência direta à formação discursiva da religião e oferece ações de agradecimento a deus. Já o cardeal reconhece que a igreja não tem o poder de intervir no aprimoramento da morte, o que torna a morte primordial para a ressurreição e, por consequência, para a existência da igreja, o que faz com que tenha um discurso mais filosófico ou científico.

E podemos notar no romance de Saramago que o peso do imaginário cristão na pós-modernidade é questionado, pois quando a morte retoma suas atividades, as pessoas, ao receberem a carta da morte, apresentam duas possibilidades de conduta. Por um lado, o ethos do autor traz as pessoas que compelidas a causar uma espécie de vingança contra a morte, gastando o tempo de vida em orgias de sexo, drogas e álcool:

“Além daquelas pessoas, já mencionadas antes, que, impelidas por uma ideia distorcida de vingança a que com justa razão se poderia aplicar o neologismo de pré-postuma, decidiram faltar ao cumprimento dos seus deveres cívicos e familiares,

não fazendo testamento nem pagando os impostos em dívida, houve muitas que, pondo em prática uma interpretação mais do que viciosa do *carpe diem* horaciano, malbarataram o pouco tempo de vida que ainda lhes ficava entregando-se a repreensíveis orgias de sexo, droga e álcool, talvez pensando que, incorrendo em tão desmedidos excessos, poderiam atrair sobre suas cabeças um colapso fulminante ou, na sua falta um raio divino que, matando-as ali mesmo, as furtasse às garras da morte propriamente dita, pregando-lhe assim uma partida que talvez lhe servisse de emenda.” (p. 131).

A ironia do autor ao utilizar o termo “neologismo de pré-póstuma” para se referir às pessoas que receberam a carta da morte é perceptível. Além disso, há referência ao conceito do *carpe diem* de Horácio, onde o autor considera que os destinatários da carta estão adotando uma interpretação equivocada. A Ode de Horácio, famoso poeta romano, contém a mensagem de “aproveite o dia e confie pouco no amanhã”. Outro elemento presente no texto é a menção a um “raio divino” que supostamente salvará as pessoas das “garras da morte”.

Essa ideia de morte para todos os seres vivos espalha-se enquanto os homens não morriam nesta nação, os animais morriam com toda naturalidade. Desse modo, o autor monta um diálogo entre um aprendiz de filósofo e um espírito que pairava sobre a água do aquário. Este pergunta para o aprendiz de filósofo:

“Já pensaste se a morte será a mesma para todos os seres vivos, sejam eles animais, incluindo o ser humano, ou vegetais, incluindo a erva rasteira que se pisa e a sequoiadendron giganteum com os seus cem metros de altura, será a mesma a morte que mata um homem que sabe que vai morrer, e um cavalo, que nunca saberá.” (p. 72).

Inicialmente, temos o ethos de uma personagem que se manifestava como um espírito flutuante sobre a água de um aquário. É evidente que Saramago, na condição de inscridor, cria essa personagem para apresentar as questões sobre a morte que tanto o inscridor quanto o escritor compartilham. É esse espírito que elabora a ideia: “Porque cada um de vós tem a sua própria morte, transporta-a consigo num lugar secreto desde que nasceu, ela pertence-te, tu pertences-lhe” (p. 73). Esse enunciado é poético e sugere que cada indivíduo possui a sua própria morte. Nesse contexto, que reflete a visão medieval sobre a morte, mas cada sujeito tem uma morte correspondente que o acompanha, havendo uma conexão individual entre eles; isto é, cada pessoa tem uma morte que reflete a sua própria essência. Aqui, Saramago introduz, como enunciador, a pergunta “Será que a morte que mata um homem que sabe que vai morrer é a mesma que mata um cavalo que nunca saberá?”, mostrando assim como ele se insere na narrativa para levantar essa questão.

José Saramago diante da representação tradicional da morte faz sarcasmo. O autor direcionou seu olhar para a representação da morte definida pelo imaginário popular medieval,

“Realmente, não há nada no mundo mais nu que um esqueleto” (p. 146), mas realmente faz troça com a imagem dessa morte, ao fazer esse enunciado ficamos sabendo que nenhum de nós ficaria mais nu que um esqueleto, sem carnes, os nervos, os tendões, as veias e artérias e o sangue. Questões cristãs, elementos macabros e construções que aparecem em contos populares foram trabalhados ao longo do texto de “As intermitências da morte”. As referências ao mundo medieval popular são latentes no livro do escritor português, contudo com a inspiração de um escritor pós-moderno.

Saramago, como inscitor, propõe uma leitura em que o autor e o leitor ocupam juntos uma aproximação intensa na atividade enunciativa: “Não pode haver melhor prova dele que a imagem da própria morte que temos diante dos olhos, sentada numa cadeira e embrulhada no seu lençol, e tendo na orografia da sua óssea cara um ar de total desconcerto.” (p. 136).

Com essa enunciação, ele leva o leitor a um lugar incerto onde está a morte: “temos diante dos olhos”. Ela está na sua frente, na frente de qualquer leitor “sentada em uma cadeira e embrulhada no seu lençol”. O autor leva o leitor para ver a morte que, além de tudo, “tendo na sua orografia da sua cara”. Orografia significa uma espécie de tratado a respeito do relevo terrestre, o que faz com que Saramago tenha um deboche, e nós, os leitores, também. O enunciador continua a frase: “um ar de total desconcerto”, ora, uma caveira nunca vem representar “um ar”. Lógico que ele fala do que levou a morte ficar com esse total desconcerto quando uma carta, das que enviava, volta para ela.

Sua densidade e complexidade a tornam única e diferenciada da figura estereotipada da morte, além de interagir de maneira singular com a humanidade. Em um momento da narrativa, a morte assume a forma de uma mulher com o objetivo de seduzir o violoncelista, para quem ela mandou carta, mas voltou para ela, exalando um perfume que mistura rosa e crisântemo. Essa transformação evidencia uma humanização da personagem, que busca provar sua relevância durante o período de intermitências. A força da protagonista é tão expressiva que conduz toda a trama.

“Não achas que a blusa acerta bem com a cor das calças e dos sapatos, Creio que sim, concedeu a gadanha, E com este gorro que levo na cabeça, Também, E com este casaco de pele, Também, E com esta bolsa ao ombro, Não digo que não, E com estes brincos nas orelhas, Rendo-me, Estou irresistível, confessa, Depende do tipo de homem a quem queiras seduzir.” (p. 182).

A morte já se fez uma mulher ao comentar sobre moda com a gadelha, dizendo “Estou irresistível, confessa”. Além disso, essa embreagem paratópica se dá com essa reviravolta

do poder mortífero da mulher em favor da obra não é dita explicitamente pelo autor, mas mostrada através de sua enunciação. Segundo Maingueneau (2006, p. 128):

“A singularidade do mito da mulher fatal é de tornar em espetáculo esse gesto assassino condição da gênese da obra, de mostrar o quadro patético da decadência de um certo homem, desqualificado em favor de uma instância soberana e invisível: o autor.”

A morte agora se apresenta como uma mulher bonita e jovem, com trinta e seis ou trinta e sete anos. A arma utilizada pela morte será a sedução do violoncelista, a fim de enrolá-lo para si, já que o envio da carta violeta, aplicada ao restante da população, não funcionou com ele. Quando a morte se transforma em uma mulher para investigar o caso do violoncelista, e vai à Terra cumprir seu dever, o autor, ao olhar atentamente para a morte, revela que são nossos olhos, arregalados de medo, que fazem dela uma gigante. O narrador sugere que é o peso da sua trajetória que acaba atemorizando as pessoas, e não sua figura. Mas, em um segundo momento, recupera o temor diante da morte, pois ele espera que os infelizes transeuntes não se finem de susto ao darem de frente com aquelas grandes órbitas vazias no virar de uma esquina. A própria morte reconhece: “As pessoas já têm suficiente medo da morte para necessitarem que ela lhes apareça com um sorriso a dizer, Olá, sou eu” (p. 187).

A morte vai então ao encontro do violoncelista, primeiro para tentar compreender como ele estava conseguindo enganá-la, depois, para entregar ela própria a carta violeta. Assim, ele não teria como escapar, como a tradição já consolidada através da pintura dos Triunfos da Morte, de Pieter Bruegel, da literatura, como em A Máscara da Morte Escarlata, de Edgar Allan Poe, e do cinema, como em O Sétimo Selo, de Ingmar Bergman.

Mas a morte acaba se envolvendo com esse homem simples e sensível, ao transformar se em uma humana, contrariando as normas da vida: “No dia seguinte ninguém morreu” (p. 207). Esse enunciado é o último do livro, mas também é o mesmo enunciado que inicia a obra. Saramago utiliza essa técnica para enfatizar a sua mensagem, ao mostrar que a morte não é apenas um fim inevitável, mas também uma personificação da vida e da humanidade.

Essa temática é um elemento crítico que percorre todo o romance e proporciona um contraste expressivo entre a figura da morte e a figura humana. A análise dos valores e dos sentimentos sustentados por cada uma dessas figuras permite uma reflexão profunda sobre o mundo em que vivemos, sobre as relações entre os seres e sobre a própria humanidade em si.

Saramago, ao abordar a morte, discorre sobre a vida como um ciclo interminável. Apesar de inevitável, tendemos a evitar pensar nessa realidade. Tememos a entidade invisível e poderosa

que é a morte, muitas vezes deixando de aproveitar a vida. As reflexões do autor são atuais, perenes e altamente relevantes, ele nos diz que: “A propósito, não resistiremos a recordar que a morte, por si mesma, sozinha, sem qualquer ajuda externa, sempre matou muito menos que o homem.” (p. 107), mostrando para os outros que quem mata de verdade são as pessoas.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A NBR 12676 é uma norma que estabelece métodos para análise de documentos, com o objetivo de determinar seus assuntos e selecionar termos de indexação. No entanto, apesar de sua importância na área de biblioteconomia, essa norma pode não ser tão útil quanto se esperava para os bibliotecários responsáveis pela indexação de literatura. De fato, o uso da NBR 12676 pode até mesmo explicar a indexação pobre que muitas vezes vemos nas bibliotecas. A norma é considerada complexa e difícil de aplicar, o que pode levar a erros de indexação ou à seleção de termos inadequados.

Além disso, a própria estrutura da norma pode não ser adequada para as necessidades dos bibliotecários. A NBR 12676 se concentra principalmente na seleção de termos de indexação, mas não oferece muita orientação sobre como determinar os assuntos de um documento. Isso pode ser especialmente problemático em áreas de conhecimento que são muito especializadas ou em constante evolução, onde os bibliotecários podem não ter o conhecimento necessário para identificar os assuntos relevantes de um documento.

Portanto, embora a NBR 12676 seja uma norma importante e útil na área de biblioteconomia, sua complexidade e limitações podem ser um obstáculo para os bibliotecários que buscam indexar de forma precisa e eficiente a literatura em suas bibliotecas. É importante lembrar que a indexação é um processo crucial para garantir que os usuários da biblioteca possam encontrar a informação que estão procurando, e que os bibliotecários precisam de ferramentas adequadas e acessíveis para realizar esse trabalho de forma eficaz.

No caso específico de “As intermitências da morte”, uma obra filosófica isoladamente não é suficiente para garantir a literariedade, pois essa obra tem um tom cômico. Ao falar sobre a morte, Saramago não a trata com seriedade, ao contrário da maioria das obras que tratam do tema e que geralmente possuem um discurso religioso mais austero ou um discurso filosófico que não confere personalidade à morte. Esse tom humorístico é o que torna a obra singular.

O MARC, que é a sigla para Machine Readable Cataloguing (Catalogação Legível por Máquina), refere-se à descrição de elementos de dados bibliográficos de maneira legível

por computador. Em outras palavras, trata-se de um conjunto de padrões para identificar, armazenar e comunicar informações de catalogação de forma padronizada e automatizada. Ao realizar a pesquisa, identificamos que a Tag 650 contém termos que dizem respeito ao Tópico, que pode consistir de um termo geral, incluindo nomes de eventos ou objetos, atribuído a um registro bibliográfico a fim de proporcionar acesso ao mesmo. Títulos, nomes geográficos ou nome de instituições utilizados em cabeçalhos frase são também registrados neste campo. Com base nessa constatação, elaboramos uma tabela que apresenta informações mais detalhadas sobre o livro “As intermitências da morte”. Elaboramos essa tabela com base na análise do discurso literário feita anteriormente nesta pesquisa.

Tabela 1 – Assuntos identificados pela análise do discurso literário

650	Morte
650	Cômico
650	Discurso anticlerical
650	Discurso filosófico

Fonte: autora.

Nosso objetivo de estudo corresponde em explorar como “As intermitências da morte” é tratada em três bibliotecas de universidades federais distintas localizadas na região Sul do país, a saber, UFRGS, UFSC e UFPR, visando compreender como os recursos de informação literária são gerenciados em resposta às necessidades práticas dos usuários.

Posto que dispomos da Tabela 1, a qual aborda os temas que foram suscitados ao longo da ADL, passamos a examinar as informações que o MARC nos oferece acerca desta obra portuguesa em cada uma das três universidades federais localizadas nas capitais do Sul do Brasil.

Figura 1 – UFPR

SISTEMA DE BIBLIOTECAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Home Pesquisa Pesquisa por índices Minha seleção Serviços

Ajuda | Acessibilidade | Alto contraste Login

Busca rápida Busca combinada Qualquer biblioteca

Todos os campos As intermitências da morte Buscar Limpar Registros com conteúdo digital

voltar < 1/1 > Nova pesquisa

Detalhes MARC tags Dublin Core

MARC tags

000 00499nam 2200169 a 4500
001 000319604
005 20060322175032.0
008 130704s2005 spb 000 1dpor d
020 _ |a 8535907254 (broch.)
035 _ |a UB000895771
040 _ |a BIRjFGVB |b por
082 0_ |a 869.3
100 1_ |a Saramago, José, |d 1922-2010 |0 http://viaf.org/viaf/114473675 |0 http://www.isni.org/isni/0000000121483353 |0 https://www.worldcat.org/identities/lccn-n85130797/ |0 https://www.wikidata.org/wiki/Q37060
245 13 |a As intermitências da morte. |b romance/ |c José Saramago. -
260 _ |a São Paulo, SP: |b Companhia das Letras, |c 2005.
300 _ |a 208p.
990 _ |a Livro

Fonte: <<https://acervo.ufpr.br/>>.

Figura 2 – UFSC

Marc - Livros Exibição - MARC

001	224813
003	BR-FIUSC
005	20200803181400.0
008	060331s2005 spb# g# #000 1dpor#d
020	\$a 8535907254
035	\$a SC000851966
040	\$a BIBLIODATA \$b por
080	\$a 869.0-31
090	\$a 869.0-31 \$b S243i
100	1 \$a Saramago, José, \$d 1922-2010
245	1 3 \$a As intermitências da morte : \$b romance / \$c José Saramago
260	\$a São Paulo: \$b Companhia das Letras, \$c 2005.
300	\$a 207 p. : \$c 21 cm
500	\$a Prêmio nobel
590	\$a A Biblioteca possui a 3. reimpr. 2005, 15. reimpr. de 2015.
650	0 4 \$a Ficção portuguesa 0 4 \$a Literatura portuguesa

Fonte: <<https://pergamum.ufsc.br/acervo/224813>>.

Figura 3 – UFRGS

FMT	BK
LDR	-----nam--22-----4a-4500
008	900111s2005---b1-----000-f-por-d
020	a 9788535907254
020	a 8535907254
040	a BR-PaURS b por
044	a b1 b sp 2 IBGE
1001	a Saramago, José d 1922-2010 4 aut
24513	a As intermitências da morte c José Saramago
260	a São Paulo, SP b Companhia das Letras c 2005.
300	a 207 p. c 21 cm.
590	a 10ª reimpressão em 2011 w CSH
590	a 6. reimpressão em 2008 w FBC
65004	a Literatura portuguesa v Romance
690	a Literatura
910	a CSH
910	a FBC
SYS	000496952

Fonte: <<https://sabi.ufrgs.br/F>>.

Na UFPR, não se utiliza o campo 6xx para explicar o assunto da obra. Já na UFSC, o campo 650 é utilizado para descrever os tópicos abordados na obra. Em geral, a maioria das universidades usa essa Tag para indicar o gênero textual e a origem do texto. Na UFRGS, o procedimento é semelhante, mas há uma Tag adicional para textos literários.

Essas diferenças na utilização dos campos de descrição da obra é normal, tendo em consideração que as universidades são instituições diferentes e autônomas. Embora existam diretrizes internacionais para a catalogação de materiais bibliográficos, cada instituição tem liberdade para interpretá-las e implementá-las de acordo com suas necessidades e prioridades. Dessa forma, é importante que as instituições criem suas próprias políticas de indexação e compartilhem suas práticas com a comunidade bibliotecária, a fim de promover a interoperabilidade e a qualidade dos registros bibliográficos.

É importante que os classificadores também levem em consideração o usuário. Embora a padronização das práticas de catalogação seja crucial para a interoperabilidade e qualidade dos registros bibliográficos, é fundamental que as políticas de indexação considerem as necessidades e os interesses dos usuários da biblioteca. Afinal, são eles que irão utilizar e explorar o acervo disponível. Portanto, é necessário um equilíbrio entre a padronização das práticas de catalogação

e a personalização das políticas para atender às necessidades da comunidade bibliotecária e dos usuários da biblioteca.

A organização do conhecimento é fundamental para a organização da informação, principalmente no que se refere ao tratamento temático. O tratamento temático é uma das dimensões da organização da informação que tem como objetivo facilitar o acesso ao conteúdo, levando em consideração o assunto abordado (GUIMARÃES, 2009). Nesse contexto, a organização do conhecimento é um elemento essencial, pois se relaciona com a representação do universo epistemológico, que é o universo de conhecimentos que compõe uma determinada área do saber, o nosso caso a literatura, incluindo conceitos, teorias, métodos, práticas e tudo o mais que se relacione com a produção e transmissão de conhecimentos nessa área.

No sentido de auxiliar no processo de indexação de obras literárias no contexto das bibliotecas universitárias elaboramos um quadro de indexação a partir da nossa análise do discurso literário. A tabela de indexação é uma ferramenta útil que nos permitiu organizar sistematicamente informações relevantes e facilitar a recuperação de dados. Ao usar essa técnica, conseguimos fornecer uma visão geral e acessível dos principais temas, personagens e elementos estilísticos presentes na obra literária estudada, possibilitando uma compreensão mais aprofundada da narrativa.

Quadro 1 – Indexação com base na análise do discurso literário

Categoria	Subcategoria	Informações
Personagem	Principal	Narrador
Personagem	Principal	Morte
Personagem	Secundário	Violoncelista
Personagem	Secundário	Cardeal
Personagem	Secundário	Espírito que pairava sobre a água do aquário
Temas	Filosófico	Vida e morte
Temas	Filosófico	Efemeridade da vida
Temas	Filosófico	Imortalidade
Temas	Religioso	Ressurreição
Temas	Religioso	Orgias de sexo, drogas e álcool
Temas	Religioso	Consolo contra a morte
Temas	Sociais	Impacto na sociedade
Estilo	Narrativa	Uso de palavras rebuscadas
Estilo	Narrativa	Discurso humorístico
Estilo	Narrativa	Discurso filosófico
Estilo	Narrativa	Discurso anticlerical
Referências	Mesmo autor	Ensaio sobre a cegueira – Saramago
Referências	Outros autores	Triunfo da Morte – Petrarca (poeta)
Referências	Outros autores	Triunfo da Morte – Pieter Bruegel (pintor)
Referências	Outros autores	A Máscara da Morte Escarlate – Edgar Allan Poe (contista)
Referências	Outros autores	O Sétimo Selo – Ingmar Bergman (cineasta)

Fonte: autora.

Levamos em consideração que compreender as categorias é essencial para criar um quadro de indexação eficiente, pois elas servem como a base para a organização das informações relevantes encontradas durante a pesquisa. As categorias são as principais divisões temáticas em que as informações serão agrupadas, e as subcategorias são subdivisões dentro dessas categorias que ajudam a detalhar e refinar ainda mais as informações.

No caso da obra “As intermitências da morte”, as categorias e subcategorias foram escolhidas com base na ADL da obra e em sua estrutura temática, narrativa e estilística. Por exemplo, a categoria “Personagens” foi escolhida porque os personagens são elementos centrais na obra, e a subcategoria “Principal” foi incluída para destacar os personagens mais relevantes e suas características, assim como os personagens que estão em “Secundário”.

A categoria “Temas” foi escolhida para incluir as principais ideias e conceitos presentes na obra, e as subcategorias “Filosófico”, “Religioso” e “Sociais” foram utilizadas para destacar as diferentes abordagens e enfoques temáticos. A categoria “Estilo” foi incluída para abordar os elementos narrativos e estilísticos que tornam a obra única, e a subcategoria “Narrativa” foi utilizada para destacar as técnicas narrativas específicas empregadas pelo autor, por isso não poderiam faltar o discurso humorístico, filosófico e anticlerical.

Por fim, a categoria “Referências” foi incluída para listar quaisquer outras obras ou autores que foram citados na obra ou que são relevantes para a compreensão do contexto em que “As intermitências da morte” foi produzida.

Para finalizar, propomos a apresentação de cinco descritores para a indexação, selecionados dentre os descritores do quadro de indexação realizado neste capítulo. A personagem principal, a morte, é um descritor de destaque. O tema filosófico que versa sobre a imortalidade também seria importante para indexação. Por fim, destacamos os discursos humorístico, filosófico e anticlerical como elementos fundamentais no estilo narrativo da obra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos nessa pesquisa, que a ADL é uma abordagem que se concentra na análise dos elementos discursivos presentes nas obras literárias, como narrativa, personagens, estilo, linguagem e estrutura, com o objetivo de compreender o significado e a importância desses elementos para a construção da obra como um todo. Assim, a análise e a interpretação da obra tem como o objetivo final compreender como a obra funciona como um todo e qual é o seu significado para a cultura e sociedade em que foi produzida. O processo de ADL envolve

a identificação e interpretação dos aspectos formais e temáticos da obra, incluindo a análise do contexto histórico, social e cultural no qual a obra foi escrita, além de levar em consideração a perspectiva do autor e do leitor. O universo ficcional criado por Saramago no romance "As intermitências da morte" privilegiou as relações entre a representação do mundo e do homem, e a produção de um mundo específico, que é o da arte. A articulação entre elementos reais e fantásticos exprime a complexidade da existência humana e do mundo contemporâneo. E o tema da morte irá atravessar o texto, discutindo esses dois aspectos: desestabilizando a noção de real e ficcional.

Também notamos que a indexação de obras literárias nas bibliotecas universitárias é um processo crucial para garantir o acesso e a organização do acervo. Ao realizar um exercício comparativo da indexação desta obra literária nas bibliotecas da UFRGS, UFSC e UFPR, é possível perceber as diferenças ou semelhanças entre as instituições e como cada uma aborda a catalogação de acordo com suas próprias políticas e normas. É importante ressaltar a importância de uma indexação precisa e detalhada para facilitar a busca e recuperação de informações por parte dos usuários, tornando a experiência de pesquisa mais eficiente e satisfatória.

Assim, desenvolvemos um quadro de indexação contendo todas as informações que conseguimos extrair a partir da análise de discurso literária realizada. A elaboração desse quadro foi uma etapa essencial para a compreensão e organização dos dados coletados, permitindo uma visualização clara das principais características e elementos presentes na obra literária analisada. Além disso, o quadro de indexação pode ser uma ferramenta útil para a catalogação e organização de acervos em bibliotecas, possibilitando uma melhor identificação e acesso aos recursos de informação por parte dos usuários.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12676**: Métodos para análise de documentos – Determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. **Letras**, Santa Maria, v. 27, p. 39-46, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896/7318>. Acesso em: 10 abr. 2021

GUIMARÃES, J. A. C. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (TTI): catalogação de assunto, indexação e análise documental. **Ibersid**: revista de sistemas de información y documentación, Zaragoza, v. 3, p. 105-117, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/167276>. Acesso em: 24 jan. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. O discurso literário contra a literatura. *In*: MELLO, Renato de. (org.).

- Análise do discurso & literatura.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- MELLO, Renato de. *Análise do discurso & literatura: uma interface real.* In: MELLO, Renato de. (org.) **Análise do discurso & literatura.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.
- SARAMAGO, José. **Autobiografia.** 2007. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/biografia/>. Acesso em: 03 fev. 2023.
- SARAMAGO, José. **As intermitências da morte.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NOTAS E CRÉDITOS DO ARTIGO

- **Reconhecimentos:** Não se aplica.
- **Financiamento:** Não se aplica.
- **Conflitos de interesse:** Não se aplica.
- **Aprovação ética:** Não se aplica.
- **Disponibilidade de dados e material:** Os conjuntos de dados gerados e analisados durante o presente estudo estão disponíveis no Repositório Institucional LUME, da UFRGS, disponível no link: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/258885>.
- **Manuscrito publicado como preprint:** Não se aplica.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES:

Contribuição	1º autor	2º autor
Concepção do estudo	X	X
Conceitualização	X	X
Metodologia	X	X
Coleta de dados / investigação	X	X
Curadoria de dados	X	
Análise dos dados	X	X
Discussão dos resultados	X	X
Visualização (gráficos, tabelas e outros)	X	X
Rascunho original	X	
Revisão e edição final	X	X
Supervisão e administração		X
Aquisição de financiamento		

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI)** direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença *Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International*. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLICADOR

Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Presidente do Corpo Editorial

Angélica C. D. Miranda, Universidade Federal do Rio Grande, FURG.

Editora da Revista

Maria Helena Machado de Moraes, Universidade Federal do Rio Grande, FURG.

Editor Associado

Nivaldo Calixto Ribeiro, Universidade Federal de Lavras, UFLA.

Assistente de Editor

Luan Soares Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.

Revisor da língua portuguesa

Os Autores.

Revisor de referências

Os Autores.

HISTÓRICO:

Recebido em: 01/05/2023

Aceito em: 12/07/2023

Publicado em: 13/11/2023

Este formulário foi elaborado a partir das boas práticas sugeridas pela SciELO no seu formulário de conformidade com a Ciência Aberta e pelos formulário de Notas da Obra dos periódicos científicos: Encontros Bibli, AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento e do formulário Credit da Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação.